

LEMOS, A. A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021

Junior Aparecido Cardoso Peres¹

Prof^o Dr. Charlie Palomo²

A tecnologia é um preceito que se encontra em todo sistema político e social, presente em todas as eras, sociedades e classes sociais, sem promover segregações ou disparidades entre seus usuários quando bispados de forma antropológica e hermenêutica, uma vez que todos, sem distinções de situações financeiras, credos ou culturas utilizaram-se ou utiliza-se de princípios tecnológicos.

As tecnologias digitais têm entre suas características a possibilidade de potencializar sobremaneira a democratização do conhecimento. Embora até agora e apesar do grande progresso, a maioria das sociedades não consegue apresentar um desenvolvimento que inclua a maioria de sua população.

Esta afirmativa se corrobora ao nos depararmos e analisarmos hermenêuticamente com a evolução humana e as teorias de povoamento dos continentes (por exemplo), “onde os homens utilizavam de embarcações e utensílios rústicos, tendo a natureza a seu favor e aliada nas navegações em grandes rios e mares, e outras formas nas quais conotam a capacidade intelectual do ser humano” (MOURA, 2011, p. 38), se superando dia a dia e promovendo a evolução que se desponta a cada instante. Com base nestas premissas traçamos um paralelo com o Livro de André Lemos (2021) que ao indagar e refletir sobre os agenciamentos sociotécnicos causados pela pandemia do Covid-19, demonstrou que a tecnologia é um vírus que se encontra em todos os meios e ambientes, promovendo desenvolvimento e obrigando o homem a se aceitar “como um ser tecnológico, uma vez que a tecnologia é e se encontra presente em sua essência” (LEMOS, 2020, p.19).

Ao nos depararmos com a presente afirmativa, entendemos que a tecnologia pode ser comparada a um vírus, pois ele é um ser existente e com essência imaterial, considerado “pequenos organismos é bastante simples, sendo existentes em todos seres vivos, tendo autores ou não; vivos por outros ou não; sem a necessidade de outros para sua

¹Licenciatura Plena em Ciências Humanas (Filosofia, Sociologia, História e Ensino da Religião) pela USC – Universidade do Sagrado Coração/Bauru-SP. Técnico em Administração de Empresas pelo Instituto de Ensino Profissionalizante (IEP). Tradutor de textos acadêmicos nas línguas: Grego, Latim, Espanhol e Italiano; Palestrante na Formação humana contínua. Docente da Rede Pública de Educação do Estado de São Paulo. Mestrando em Educação pela Universidad de la Empresa (UDE)/ Montevideu – Uruguai. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7701232928481703>

²Professor e Doutor da Universidad de la Empresa (UDE) Montevideu/ Uruguai. Professor e orientador dos meus estudos em educação e digitalismo.

sobrevivência, sendo apenas um ser que existe” (GOMES, 2018, p. 11), assim como o vírus possui sua essência e está presente em todos os ambientes, a tecnologia se encontra na essência da humanidade como um vírus que se desenvolveu e se desenvolve em um organismo maior, ou seja, não há como desconsiderar a essência tecnológica presente na vida social, pois a tecnologia é o “conjunto de técnicas, habilidades, métodos e processos usados na produção de bens, serviços, ações ou na realização de objetivos, ou seja, a capacidade de desenvolver técnicas e processos” (LEMOS, 2020, p. 26) levando e capacitando a humanidade a se desenvolver e se manifestar de forma na qual promova sua ascense antropológica.

A tecnologia Está e se Faz presente na essência do Ser humano através das ações que o homem promove para sua subsistência; é um princípio inato que se adoesce e se habilita com o passar dos anos dentro de cada cultura e experiências sociais de cada grupo de indivíduos. Não há como assumir a essência humana sem assumir os processos tecnológicos, pois o homem vive em constantes processos políticos, técnicos, na produção de bens para sua subsistência e facilitando a sua e a vida daqueles que estão ao seu redor, assim sendo, a Pandemia do Covid-19 proporcionou a aceitação forçosa de essa essência tecnológica presente no Ser Humano, assim, comparar esta premissa com a obra de Lemos (2021), A tecnologia é um vírus: Pandemia cultura digital, se torna de grande valia, pois a obra relata que a tecnologia é um vírus que por onde passa deixa suas marcas, assim como o ser humano com seus feitos e ações promovidas pelos processos tecnológicos.

André Lemos se formou em engenharia civil, defendeu seu Mestrado em Política da Ciência e Tecnologia pela Coppe/UFRJ, se Doutorou em Sociologia pela *Université Paris V (René Descartes)* em 1995, Pós-doutorado pelas *University of Alberta e McGill University* no Canadá (2007-2008), é docente associado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e pesquisador (1 b) do CNPq. Atualmente coordena projetos de pesquisas no CNPq - Grupo de pesquisa em Cibercidade (GPC), onde possui uma cadeira titular na Comissão de Assessoramento para a área de Artes, Comunicação e Ciências da Informação do CNPq e trabalha na Universidade Federal da Bahia³.

A Obra A tecnologia é um vírus: Pandemia e cultura digital de Lemos (2021), publicado pela Editora Sulina, é dividida em duas partes, onde a primeira tem por título A Cultura digital e a segunda, Agenciamento Pandêmico; está presentes em ambas as partes uma discussão ontológica e metodológica da essência tecnológica acerca do imaterialismo que envolve e aflora as tecnologias, descrevendo premissas e apropriando-se do advento da pandemia do Covid-19, onde aborda os princípios de que o vírus levou o ser humano a se assumir tecnológico diante da sociedade, “esta na qual sempre se manteve e se nutria das tecnologias, por sua vez intrínsecas em cada homem” (LEMOS, 2020, p. 18).

³[http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/pesquisadores/andre=-lemos2-/#:~:text=Andr%C3%A9%20Lemos%20C3%A9%20engenheiro%2C%20mestre,Canad%C3%A1%20\(2007%2D2008\).&text=Atua%20na%20area%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Sociologia%2C%20com%20C3%AAfase%20em%20Cibercultura.](http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/pesquisadores/andre=-lemos2-/#:~:text=Andr%C3%A9%20Lemos%20C3%A9%20engenheiro%2C%20mestre,Canad%C3%A1%20(2007%2D2008).&text=Atua%20na%20area%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20Sociologia%2C%20com%20C3%AAfase%20em%20Cibercultura.)

Diante de tal afirmação “as tecnologias sempre fizeram parte da essência humana e de todas as sociedades” (GOMES, 2018, p. 31), haja vista que a sociedade é constituída por diversas formas de interpretar uma dada realidade e como se estruturar diante das inúmeras proposituras que se apresentam, colocando o ser humano em níveis de ascese e desenvolvimento intelectual e holístico, pois a partir das proposituras desenvolvidas pelo homem “ele é capaz de atingir, entender e desenvolver ações que precisam ser apreendidas e avalizadas por outros” (MOROZOV, 2020, p. 13).

Desta forma, a primeira parte é subdividida em mais doze subtítulos onde apresentam uma série de reflexões acerca das ações causadas pela Pandemia do Covid-19, elevando as tecnologias a preceitos sociotécnicos, traçando um paralelo deste conceito com um vírus, este que pode ser considerado como um Constructo Social, ou seja, a tecnologia passou a ser, com o advento da pandemia, uma ferramenta e um Ser palpável diante de todos os indivíduos da sociedade, onde outrora era sabido de sua existência, mas não valorizado e utilizado.

Segundo Lemos (2020),

Mais do que um objeto ou um artefato, a tecnologia é também um constructo social. Pensar o vírus e as tecnologias como “nature-culture” nos permite vinculá-lo de forma mais concreta à dimensão associativa, vinculando humanos e não humanos, nos ajudando a compreender melhor os desafios em jogo (LEMOS, 2020, p. 18).

A experiência parece indicar que a pandemia mudou os tempos de apropriação das tecnologias digitais. Acelerou a posse e o uso daqueles que estavam próximos de sua posse e uso. Resta pesquisar o que está acontecendo com aqueles que estão fora dessa possibilidade por questões econômicas, de formação, de cultura prévia. Mas o ritmo aumentou e ele se juntou abruptamente a uma vida diária mais ampla. Estas ações serviram para alavancar e/ou criar expectativas “pragmáticas, imanentes e materialistas das formas que a sociedade encontrou para produzir, compreender e resolver os dilemas cotidianos, se inserindo na cultura digital, premissa negada por muitos cidadãos com medo no novo” (HARAWAY, 2020, p. 38).

Segundo Morozov (2020),

A pandemia de coronavírus, para além de todo mais, tem provocado uma profusão de reações. A seu turno, parcela significativa da crítica tem aproveitado o período de reclusão para refletir sobre o acontecimento desde diferentes pontos de vista. Proliferam análises das mais díspares sobre o fenômeno. Exemplificativamente, há aqueles que acreditam que a crise nos levará a um sistema econômico mais humano. Outros afirmam um futuro sombrio de vigilância ou, ainda, uma nova fase do capitalismo com maior enfoque na inovação tecnológica⁴ (MOROZOV, 2020, p. 15).

⁴ Essa dicotomia *apocalípticos* versus *integrados* continua em vigor até sessenta anos depois de ter sido proposta por Umberto Eco. E divide os analistas dos fenômenos comunicacionais e suas tecnologias.

Assim, a cultura digital se tornou a essência dos anos de 2019 até meados de 2021, podendo se perpetuar por muito mais anos, onde todos os indivíduos (e o mundo) assumiram as tecnologias para suas vidas pessoais e profissionais. O mais interessante desta premissa está na assimilação dos preceitos tecnológicos que se encontram em todas as classes sociais, assumindo a cultura digital como forma de subsistência, comunicação e atividades laborais, ou seja, as pessoas precisaram se reinventar diante desta realidade que não é nova, mas que estava mitigada e não aceita por grande parte dos indivíduos.

A segunda parte do livro também foi dividida em mais onze subtítulos abordando a construção de um novo coronavírus, não na etimologia da terminologia, mas apresentando que a partir desta realidade o homem e a tecnologia não são “entidades separadas; o homem precisa da tecnologia para sobreviver, assim como o vírus precisa de uma unidade biológica, se fazendo parte dessa essência natural e cultural de um organismo; o mesmo ocorre com o homem e a tecnologia” (LEMOS, 2021, p. 84), ou seja, a partir desta nova construção de realidade onde a tecnologia foi assumida como centro de toda sociedade e que seus indivíduos são tecnológicos, precisou-se assumir que “não há como separar o homem da tecnologia, pois ela é e está no homem, e este por sua vez, é e está nela” (ibidem, p. 86).

De acordo com Lemos (2020) as relações que o homem cria com ele mesmo quando se depara com as concepções presentes na sociedade onde está inserido, leva a criação e a manutenção de uma harmonia na qual “possibilita a evolução e o surgimento de novos meios de comunicação e métodos de produção, influenciando os processos de formação dos indivíduos na sociedade, criados por eles mesmos” (LEMOS, 2021, p.100).

Segundo Moran (2017),

Boa parte do conhecimento que adquirimos por meio das nossas relações com o meio, também influencia a percepção de naturalidade da mídia e faz com que o Homem aprenda diversas formas de comunicação mesmo com a estranheza que inicialmente possa sentir e ser criado por ele mesmo, demonstrando assim, que o Homem acaba por ser capaz de se adaptar biologicamente às transformações promovidas pelo rápido avanço tecnológico, pois, nunca antes na história tivemos o hábito de dormir e acordar com um aparato eletrônico. Portanto, as tecnologias influenciam o homem da mesma forma que o homem também influencia o crescimento das tecnologias (MORAN, 201, p. 45).

Lemos (2021) ainda destaca que com a Pandemia do Covid-19 proporcionou a elevação da solidão, porém, esta premissa foi de grande relevância e valia, pois através dela os indivíduos obtiveram oportunidades de reflexionar sobre sua vida pessoal, profissional e social, criando formas de se reinventar para não ficarem ultrapassados diante da atual conjuntura. O mesmo aconteceu com a educação, levando os sistemas educacionais a se reinventarem e levarem seus profissionais a buscarem novas formas de atingir seu público” (p. 105).

Estas mudanças levaram o sistema educativo a se adaptarem e implantarem as tecnologias, mesmo que forçosamente em suas atuações, visto que as funções tecnológicas já se encontravam em andamento, mas com o advento da Pandemia os sistemas midiáticos se afloraram, levando os profissionais a se adaptarem e aceitarem as tecnologias como meio de sobrevivência em todas as esferas: social, profissional e emocional.

A pandemia veio para apresentar que a tecnologia está em ascese e para mudar as formas de entender a realidade, e como já tratado anteriormente, o homem “é um ser tecnológico e tal premissa faz parte de sua essência, porém elevou as cláusulas sociais, levando a sociedade a uma idoneidade social” (LEMOS, 2020, p. 45), induzindo ao isolamento e aumentando as fragilidades existentes no Ser de cada indivíduo, proporcionando novas amizades (virtuais) e a perda da privacidade por conta das redes sociais, haja vista que muitos indivíduos para promover uma falsa satisfação de bem estar social e emocional, se apresentam nas redes sociais com uma falsa realidade e para falsos amigos, onde em sua maioria são contabilizados pelos percentuais de pessoas aceitas em grupos virtuais e não pelo convívio (LEMOS, 2021), promovendo, uma ignorância funcional que se aflora hodiernamente e consecutivamente se inserindo no Darwinismo Social, onde os mais capacitados se manterão nas melhores situações sociais e os demais, farão parte de uma sociedade que segue o preestabelecido por estes que compõem a casta classe que se adaptou.

Nesse ponto entra o pensamento e a ação do sistema educacional. Ele deve refletir e se comportar na busca de uma intensa incorporação das tecnologias que contribuem para uma educação atual e não contribuam para acentuar a lacuna que afasta ainda mais grandes setores da população que não têm acesso real aos recursos digitais.

Lemos (2021) na página 122, relata que mesmo diante destas mudanças e circunstâncias que levaram o homem a sair de sua zona de conforto, o Covid-19 fez com que “a sociedade se percebesse como dotada de muitas qualidades e que é possível assumir e vivenciar novas realidades e situações inóspitas” (ibidem, p. 124), pois o homem é capaz de se adequar em todos os momentos, pois o ser humano desde “sua gênese é tecnológico, porém, com a limitação de não aceitar as mudanças; muitas vezes obrigados a saírem de sua zona de conforto e assumirem novas responsabilidades e mudanças” (HARAWAY, 2020, p. 55). Assim, a pandemia, mesmo diante de muitas mazelas proporcionou a sociedade um crescimento, promovendo uma liberdade ontológica e antropocêntrica, além de tornar os cidadãos mais ideais diante das suas conjunturas como a social, antropológica e profissional. Podemos dizer que o Covid-19 proporcionou e está proporcionando uma estratificação antropológica, onde indivíduos precisaram e precisam se adequar e “assumir as mudanças existentes na sociedade para não se tornarem obsoletos, sendo capazes de manter seus trabalhos e se inovarem diante de circunstâncias inóspitas que podem surgir” (MOROZOV, 2020, p. 27).

Assim sendo, estas ações podem ser consideradas como “modos de existir, formas de agir e tipos de arranjos que revelam soluções particulares de uma coletividade (o social)” (LEMOS, 2021, p. 145) que foram inseridas forçosamente no ideário social e mundial, uma vez que tais premissas já se encontravam no âmago da sociedade, mas com o advento da pandemia aflorou e levou a sociedade se aceitar como tecnológica, pois “a tecnologia é como um vírus e o vírus como a tecnologia, onde disparam ações mobilizando amplas redes que afetam o coletivo” (LEMOS, 2021, p. 138), proporcionando aos indivíduos reflexões que outrora eram evitadas e levando-os a um crescimento ontológico, antropológico e holístico.

A obra de Lemos constitui uma peça fundamental para o estudo dos últimos acontecimentos relacionados com as tecnologias digitais em um contexto pandêmico. Este livro tem a grande virtude de recorrer à metáfora biológica com as vantagens didáticas que possui. Não devemos forçar essa analogia levando-a ao campo científico sem limites, visto que se observou que o comportamento social ao longo de sua história muitas vezes se mostrou distante, muito distante da racionalidade biológica.

BIBLIOGRAFIA

GOMES, M. J. Na senda da inovação tecnológica na Educação a Distância. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 42-2, p. 181-202, 2018.

HARAWAY, Donna. When species meet, por Camila Manguiera. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 22, jul./dez. 2020, p. 203-209.

LEMOS, A. **A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2021.

_____, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

MORAN, J. **Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje**. Porto Alegre: Penso, 2017.

MOROZOV, E. **Solucionismo, nova aposta das elites globais**. Trad. Simone Paz. Rio de Janeiro: Outras Palavras. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/solucionismo-nova-aposta-das-elites-globais/>>. Acesso em 29 mai. 2021.

MOURA, A. M. C. **Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em mobile learning: estudos de caso em contexto educativo**. Tese de Doutorado em Tecnologia Educativa. Universidade do Minho. Lisboa: 2011.